



"Uma mulher incomoda"

— diz Lurdes Pintasilgo

Maria de Lurdes Pintasilgo, em entrevista a um semanário francês, «F Magazine», considerou que as reacções hostis que surgiram após a sua nomeação como primeiro-ministro foram «oposições de carácter político, mas afectadas por um sentimento de misoginia». «Uma mulher incomoda», afirmou.

A primeiro-ministro afirmou entender que se uma mulher ocupa o lugar de chefe do Governo, tal se deve «a lógica da evolução política em Portugal, que permite às mulheres saírem do quadro em que se encontravam antes do 25 de Abril».

«A partir do momento em que uma mulher diz uma palavra, esta surge logo como insólita, mesmo que tecnicamente semelhante ou paralela à dita por um homem.» Tal palavra — explicou — é imediatamente tida como insolente.

Noutro passo da entrevista, afirma: «Em meios quase exclusivamente masculinos, os homens rodeiam-se de ritos e liturgias, obceados pela imagem que pretendem dar de si. Eu nunca aceitei tais códigos. Não por preocupações de originalidade, mas em nome de códigos muito simples: a verdade, a espontaneidade e a criatividade».

A revista francesa, que coloca a tónica da entrevista no facto de uma mulher chefiar o Governo, foca principalmente os problemas da mulher, nomeadamente o aborto, a contracepção e o salário feminino.

Para a primeiro-ministro (que, aliás, se refere a si própria como «primeira-ministra»), a despenalização do aborto clandestino em Portugal não é assunto que possa ser tratado pelo seu Governo, pois, segundo afirmou, uma lei de tal «convertadura» tem de ser precedida de um debate no Parlamento.

Referindo que vê «com simpatia» a nova lei francesa sobre o aborto, Maria de Lurdes Pintasilgo é de opinião de que em Portugal se «escamoteia» o grande debate subjacente ao tema — a sexualidade.

Na entrevista, a publicar em quatro páginas no número de segunda-feira de «F Magazine» de Paris, a primeiro-ministro declara ir tentar executar as reformas indispensáveis a situação dos portugueses mais desfavorecidos, ao mesmo tempo que não se absterá de pôr em prática as medidas económicas que se impõem, mesmo as impopulares, cujas consequências se farão sentir para além da existência do seu Governo.